

WALTER WANDERLEY

# ORAÇÕES ACADÊMICAS

Discurso de posse na cadeira n.º 8,  
da Academia Norte-Rio-Grandense de  
Letras, pronunciado em sessão de 7  
de janeiro de 1970, em Natal.

\*

Saudação do Acadêmico  
NILO PEREIRA

1970

EDITORA PONGETTI



Impresso nas oficinas gráficas

da

**EDITORA PONGETTI.**

**RIO DE JANEIRO**

Biblioteca do Instituto Histórico  
e Geográfico do Rio Grande do Norte  
DOAÇÃO DO FUNDADO CEFETIVO  
ANTONIO SOARES FILHO

## SAUDAÇÃO AO ACADEMICO WALTER WANDERLEY

NILO PEREIRA

Na vossa maneira ágil de lembrar as cidades do vosso mundo sentimental — Natal, Mossoró, Macau, Areia-Branca — que constituem o perene descobrimento do vosso espírito, sempre ávido de rever, escrevestes uma admirável página sôbre o Padre Mota, na qual há um testemunho que, de certo modo, antecipa a vossa entrada, hoje, na nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras.

No livro **As Palavras, a Amizade e o Tempo**, à pág. 128, assim dizeis: — “Em maio de 1966 fui a Moçoró para complementação do **Família Wanderley**. Levei os originais datilografados à sua casa. Mostrei-lhe o que dissera de Moçoró e dêle próprio, nesse livro. Respondeu-me que andava doente, cheio de cuidados médicos, mas se a saúde o permitisse estaria presente ao lançamento do meu livro, arrematando:

— “Tu és um danado, Walter. Estás sempre movimentando alguma coisa. Agora és escritor”.

Escritor já era o autor de tanta coisa que, na sua maneira de escrever memórias — à semelhança de Raimundo Nonato na sua evocação proustiana de Mossoró — vinha pondo em prática a sua capacidade de recriar lugares, tipos, cenários. Mas o Padre Mota fixava, à sua maneira, a vitória do homem telúrico, que sois, sôbre o tempo e o espaço sentimentais. Nesse tempo e nesse espaço é que se insere a vossa obra de memorialista, o vosso poder de ir às raízes da vossa própria recriação. E fazeis tudo com tanta devoção que não apenas movimentais alguma coisa, como dizia o Padre Mota, mas moveis o vosso leitor e o levais a fazer a mesma viagem deslumbrada pelos mundos que são o vosso mundo, pelas paisagens que se integraram na vossa vida e nas quais tendes pôsto o melhor da vossa vocação literária.

Uma vocação que não é de estranhar num Wanderley, que, escrevendo sobre a família ilustre, justifica e amplia pela força da genealogia consagrada o muito que o nosso Estado é no cenário da cultura brasileira.

Sob êsse aspecto, os vossos livros são uma contribuição valiosa ao conhecimento das nossas tradições, que ninguém poderá separar do processo histórico do desenvolvimento atual, pois seria inconcebível destacar do que somos aquilo que temos sido. Quando um escritor, um poeta, um ensaista, um artista, um jornalista se voltam para certas coisas que formaram a nossa personalidade, não estão com isso erguendo um altar doméstico apenas, com os seus santos particulares, mas um monumento à comunidade de que somos parte. A esplêndida página que mestre Edgar Barbosa escreveu sobre Mossoró haverá de estar sempre ao pé dêsse monumento do coração, ou será sempre uma oração de amor no silêncio do altar votivo, onde se cumpre a liturgia do bem-querer.

O que vos traz aqui à Academia Norte-rio-grandense de Letras, em boa hora, é o vosso amor a tudo isso, a vossa fidelidade ao périplo sentimental de navegante sempre saudoso e enamorado, que, mesmo de longe, está voltando. E voltar não é apenas vir de nôvo, mas não esquecer o que deixou pelo milagre da permanência de fatores imponderáveis, que a distância não apaga. É possível até que os torne mais misteriosos, dando maiores dimensões a tudo que passou, sem passar, a tudo quanto ficou sem deixar de nos seguir pelos caminhos que a vida estende e acabam sempre no ponto de partida.

A tônica da vossa literatura, Sr. Acadêmico Walter Wanderley, é essa: — a devoção ao que, de longe, vos parece mais próximo, e ao que visto de perto se engrandece pela magia do encantamento renovado. E o que há nisso senão poesia? Acaso o toque poético, muito dos Wanderleys, poderia ser alheio à vossa temática? Não há páginas vossas que, em prosa, são por vêzes versos esparsos dum Wanderley fiel?

São cidades privilegiadas essas, já citadas, que merecem poemas de Edinor Avelino, evocações de Walter Wanderley e de Raimundo Nonato, e que, como no caso de Mossoró, a rosa florescendo no deserto, da imagem de Edgar Barbosa, tem como historiador o nosso sempre maior Luiz da Câmara Cascudo. Quando leio os vossos livros — deixai-me fazer a confidência — cuido muitas vêzes que algo escreveis sobre o Ceará-Mirim, tanto se

identificam as lembranças, os alumbramentos, as emoções. Nem há de haver nisso simples coincidência de viajores românticos. O primeiro cronista do Ceará-Mirim é um Wanderley — Luiz Carlos Lins Wanderley — o primeiro norte-riograndense formado em Medicina, poeta, escritor, jornalista, que escreveu sobre o Ceará-Mirim páginas admiráveis quando da visita do Bispo de Olinda, Dom José Pereira da Silva Barros, sucessor de Dom Vital. Nenhuma descrição da cidade, então cidade faustosa, verdadeiramente representativa da aristocracia canavieira, superou a de Luiz Carlos Lins Wanderley pela sobriedade do estilo, pelo gosto do pormenor, pela sensibilidade com que fixou o cenário magnífico. E ninguém fez até hoje descrição mais completa, mais lírica, mais enternecida da velha casa-grande do Engenho Guaporé do que êle, o cronista-poeta, onde o seu primo, o também médico Vicente Inácio Pereira, recebeu o Bispo e o saudou, erguendo um brinde ao Papa Leão XIII.

Vêde só, Sr. Acadêmico Walter Wanderley, como essas coisas nos aproximam e nos encantam. Não esqueçamos essa singularidade: — sendo Luiz Carlos adversário político do meu avô Vicente Inácio Pereira, que era liberal, essa visita do Bispo de Olinda os aproximou sob o mesmo tecto, à vista do vale esplendoroso, que no vosso ancestral despertava o sentimento poético, capaz de superar, com a graça de Deus, as rivalidades partidárias.

Êsse encontro de Wanderleys e Pereiras agora se renova nesta Casa da inteligência, presidida pelo herói cervantino Manuel Rodrigues de Melo, que, “a pé e sem relógio”, como diz Veríssimo de Melo, ergueu êsse monumento à cultura para nos abrigar nas nossas andanças e para nos chamar, vez por outra, ao culto da Província, à beleza da várzea, que é vossa, e do vale, que é o meu paraíso perdido. Mas que diferença poderia haver entre vales e várzeas, se tudo é idílio, se tudo é infância, se tudo é amor? Por ventura as carnaúbas, por crescerem mais do que a cana de açúcar, nos elevam mais do que esta à contemplação de nós mesmos? E o vento que sopra, se põe nas carnaúbas maior sonoridade, não agita líricamente os canaviais, fazendo com que êles cantem no silêncio da noite? E os pirilampos do vale não serão estrêlas que caem da fronde das carnaúbas?

Parece que tudo isso é apenas um mundo poético. E, no entanto, na vossa evocação há História. E tanta História que dela não se dispensará o historiador quando quiser saber que alma sustenta as cidades da vossa paixão, que impulso ergueu

a civilização que celebrais. Quem escreverá a história da libertação dos escravos em Mossoró — que é uma página de rara beleza — sem recorrer, por exemplo, ao vosso livro sôbre Paulo de Albuquerque, vosso avô, pernambucano radicado no Oeste, pioneiro da liberdade, cantor de uma raça?

Não retificais o vosso avô, como Psichari teve de fazer com Renan, sem perder o respeito pelo escritor, aquêle a quem Nabuco chamava o “bicho de seda da prosa francesa”. Pelo contrário: — acrescentastes a êle, à sua vida, à sua flama de lutador e de pioneiro, a simpatia com que se alarga, nesses casos, a ambiência criadora do idealismo. Figura de condoreiro, de romântico, de renovador social, Paulo de Albuquerque surge, em Mossoró, como um arauto dos novos tempos. Vinha do Recife de Castro Alves, de Tobias Barreto e de Joaquim Nabuco, tendo sido dêste último colega de turma. Vivia a sua época singular de lutas sociais. A poesia hugoana, que êle praticava, fazia do escravo o motivo maior de sua revolta humana, nestes trópicos. E Mossoró escreve, em 30 de setembro de 1883, a página máxima dos seus destinos, a libertação do cativo, e proclama perante a Nação atônita a altivez com que se levantou contra a opressão e a tirania. Nesse dia que, ainda hoje, nos faz estremecer de júbilo e de arrebatamento, como se vivessemos a mesma epopéia, que eu vi escrita, em Mossoró, nas ruas e na alma do povo, Almino Afonso, autor do famoso livro **Os Rodrigões do Império**, passava ao Imperador Pedro II o seguinte telegrama, que a História não pode esquecer: — “Imperador Pedro II — Côrte. Mossoró acaba libertar seus escravos embora contra a vontade de Vossa Majestade. — (ass) — Almino Álvares Afonso — Romualdo Lopes Galvão”.

Aí está um momento de emoção, mas é preciso ver também nesse documento, redigido ao calor dos acontecimentos, a concepção dominante — e certamente não de todo inoportuna e injusta — a respeito do comportamento do Imperador diante do grave problema que por longos tempos se arrastou. Os problemas sociais, tomados como sintoma da evolução do País, não tinham a exata repercussão junto ao espírito do homem que, apesar de erudito, não sentia a inquietação nacional resultante dos seguintes desafios: — a Questão Religiosa, que afetava as relações entre a Igreja e o Estado, a Questão Militar, a Abolição, a Federação, a República, tudo isso a constituir a problemática do tempo por força das contingências históricas desencadeadas. O Quebra-Quilos, que é, hoje, um capítulo da nossa sociologia regional, pareceu ao governo imperial apenas uma insubmissão

de massas aticadas pelos jesuitas, ao mando de Dom Vital. Nada mais injusto. Nabuco, para salvar o trono, defendeu com ardor a idéia da Abolição ligada à da Federação. Tudo isso, visto em conjunto, explica o telegrama de Almino Afonso e de Romualdo Lopes Galvão, na hora suprema da libertação, criando, inclusive, para as instituições imperiais, apoiadas no braço servil, uma exceção inquietante.

Vosso livro — “Paulo de Albuquerque o Poeta da Abolição” — alarga as fronteiras da biografia e do elogio sentimental para se converter numa contribuição indispensável ao conhecimento do problema do escravo. Mossoró antecipava com êsse gesto de idealismo e de bravura a solução que só seria dada cinco anos depois. A lição era grande, era extraordinária, transbordava dos estreitos limites da economia escravocrata e latifundiária, na qual o Império encontrava a sua estabilidade orgânica.

Ê por isso que digo, Sr. Acadêmico Walter Wanderley: — êsse reviver em que vos empenhais, essa volta ao passado, êsse sentimento da tradição, isso tudo que pode parecer simples afeto romântico ou emoção particular, tem mais vastidão do que se pensa, porque atinge as raízes da História, a essência do nosso ser histórico, que não é feito apenas de documentos oficiais, mas do clamor da nossa vontade, da chama do nosso amor. E onde está essa alma de que se formam as coletividades e as Pátrias, senão no testemunho das vozes que se ouviram um dia, proclamando os direitos do homem, a dignidade da pessoa humana, que Deus criou à sua imagem e semelhança? Paulo de Albuquerque, cujo perfil fixastes, é uma dessas vozes que os impulsos de Castro Alves e Nabuco trouxeram a Mossoró, numa hora de inspiração e de fé. Veio como que talhado pelo destino para essa campanha memorável que nós, do Rio Grande do Norte, devemos sempre lembrar, para que as novas gerações, nem sempre bem motivadas em relação a essas coisas, saibam que houve um povo que teve êsse gesto e houve homens que, reunidos na “Sociedade Libertadora Mossoroense”, levaram um pedaço da terra norte-rio-grandense a dar tão grande testemunho a todo o Brasil. Leiam a Ata histórica da **Libertadora** os que ainda são capazes de sentir o frêmito humano num momento digno do bronze.

Vasta é a vossa bibliografia, e tôda ela calcada em memórias, em lembranças, em notas de viagem, em coisas que o tempo foi deixando no vosso espírito sempre insatisfeito dêsse saber provinciano e regional. Publicastes até agora e tendes a publicar os seguintes livros: — **Notas de viagem ao Amazonas**, 1947, **Bôdas de Ouro dos meus Pais**, 1963, **Família Wanderley**, 1966,

**Macau na Poesia de Edinor Avelino, 1968, As Palavras, a Amizade e o Tempo, 1968, Mossoró na Poesia de Cosme Lemos, 1969, Paulo de Albuquerque — o Poeta da Abolição, 1969, Irineu Soter Caio Wanderley — Cem anos de sua Morte, a ser lançado em julho de 1970, Coisas que a Vida me contou (Memórias a publicar), Campanha Memorável (em preparo), Famílias Macaueses (em preparo), Família Fonseca e Silva (em preparo), Obras completas de Paulo de Albuquerque (em preparo).**

Basta a simples leitura desses livros, dos seus títulos, para que na sua legenda brilhe sempre, como uma constante do vosso sentimento barrésiano, a idéia de fixar momentos, vidas, itinerários, que são os nossos, mesmo nos dias atuais. Ninguém, com efeito, se perde nesse retôrno do espírito às origens e aos motivos da nossa formação pessoal e social.

Esta é a vossa mensagem, tão viva e penetrante que vos traz à consagração desta noite acadêmica, na qual não vemos um escritor que volta, mas um escritor que nunca saiu. O conceito de quem fica não é o de quem não vai, mas o de quem, mesmo indo, sabe que não se foi de todo. Esse mistério é o mistério do amor. Um mistério poético. E um Wanderley mergulha nêle como um raio de estrêla penetra num lago, e só se deixa pressentir pelos que são capazes de alimentar êsses devaneios e essas visões num mundo como êste nosso tão cheio do rumor da Técnica e do desvario do homem.

Que essa consagração de hoje seja um estímulo ao prosseguimento do vosso trabalho intelectual, com o qual tanto honrais o nosso Estado e esta Academia, que é a Casa de Henrique Castriciano, isto é, o exemplo da dignidade da inteligência e da beleza da criação literária, e onde somos, como em Pasárgada, amigos do rei. E onde sentimos que o melhor da nossa atividade é servir à nossa terra, às coisas que ficaram no nosso espírito e são depois o que Nabuco chamou "o traço todo da vida."

Cada um de nós tem a sua cidade submersa na alma e com ela criamos o mundo, tirado duma nebulosa mágica, numa hora eterna do nosso Gênesis particular.

Sêde benvindo, Sr. Acadêmico Walter Wanderley, à Casa de Henrique Castriciano e de Manuel Rodrigues de Melo, sempre à espera dêste banquete platônico ao filho pródigo, que, mesmo esbanjando riquezas, ainda as tem para nos dar.

## DISCURSO DE POSSE

Senhor Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras

Senhores Acadêmicos

Senhoras e Senhores,

Literatura, já dizia Lamartine, “é a expressão memorável do homem transmitida ao homem por meio da palavra escrita”. Outros têm outras definições, a exemplo de Júlio Nogueira que a chama de “a arte das belas letras” e Aníbal Bruno que a classifica de “o conjunto de obras escritas em que se exprime, sob forma artística, o espírito de um povo”. Literatura é, na verdade, a beleza da expressão pela palavra.

Eis por que pretendemos traçar, preliminarmente, uma linha literária que incida sôbre os três grandes movimentos do Brasil — **Renascimento, Reforma e Revolução** — colhida dos ensinamentos do mestre Alceu de Amoroso Lima e de suas obras, para chegarmos até Isabel Gondim e Matias Maciel, patrona e titular da Cadeira n.º 8, desta Academia, que hoje estamos assumindo. Mas, até lá, percorramos êsses velhos caminhos num reencontro fraterno do passado e presente.

### 1 — AS FASES LITERÁRIAS E SEUS SEGUIDORES

Aquêlê nosso consagrado mestre, cheio de cultura e erudição, fala da influência daqueles movimentos sôbre a nossa literatura e a classifica de “**uma atividade essencialmente estética, portanto pessoal e livre**”, para, a seguir, determiná-la como “**intimamente ligada à história e à evolução social do povo**”, dividindo-a, sàbiamente, em três fases: **Colonial, Imperial e Moderna**, que corres-

pondem aos “três movimentos capitais de nossa história”, magistralmente delineados no seu **Quadro Sintético da Literatura Brasileira** (Livraria Agir — Editôra, Rio, 1959, 2.<sup>a</sup> edição).

Sua primeira influência, evidentemente, situa-se nos “três primeiros séculos de nossa existência como povo, — diz o notável homem de letras e pensador — passa-se tôda dentro do âmbito da Literatura Portuguêsa. A segunda abrange o período central do século XIX e é marcada pela intenção de autonomia e desprendimento de suas fontes coloniais. A terceira fase é a fase das nossas letras, a partir do momento em que a queda do Império, o alargamento das influências e a intensificação das originalidades locais dão nôvo caráter à nossa literatura”.

Essa Fase Colonial, que foi de 1550 a 1830, também chamada **Classicismo**, tem como expoentes, na ronda dos séculos, em meio à literatura portuguêsã, Recife no século XVI, Bahia no século XVII, Minas Gerais no século XVIII e Rio de Janeiro no século XIX até àquela última data.

A Fase Imperial vai de 1830 a 1890, e traz consigo o **Romantismo**, que é de 1870, e o **Realismo e Parnasianismo**, dêste último ano até 1890.

A Fase Moderna, que tem seu início em 1890, compreende o **Simbolismo**, de 1890 a 1900, o **Pré-Modernismo**, de 1900 a 1920, o **Modernismo**, de 1920 a 1945 e o **Neo-Modernismo**, de 1945 aos nossos dias.

Discursando sôbre esta temática, conclui o grande pensador pátrio: “Dentro destas datas as escolas, bem como através delas se manifestam as personalidades e as obras, as correntes temáticas e as regiões culturais, tanto da literatura culta, como da literatura popular, formando dêste todo orgânico em crescimento, ora ascensional, ora decadente, o que já hoje constitui, bem ou mal, a literatura brasileira”.

Voltando ao chamado **Classicismo** — 1550-1830, diz-se que foi com os jesuítas que começou a história da cultura brasileira. Traziam êles, para o Nôvo Mundo, o acendrado e chamado “**espírito do Renascimento Cristão e da Contra-Reforma**”, atribuindo-se-lhes “uma grande importância à formação pedagógica e ao humanismo clássico”, segundo Amoroso Lima.

As artes e o teatro mereceram dos jesuítas um cultivo todo especial, que êles colocaram a serviço de suas missões. Não resta dúvida, e aí estão os fatos, foi de certo modo, através do teatro que efetivamente se iniciou a literatura neste país, dando-se-lhe até o epíteto de **Teatro Quinhentista**, marcando-o desta maneira.

Mas, a literatura no Brasil aparece na realidade no dia do seu descobrimento com a memorável carta de Pero Vaz de Caminha, seguido de Pero Lopes de Souza (1501-1543), com o seu **Diário de Navegação**, só publicado em 1839, de Pero Magalhães Gândavo, com as suas famosas histórias e tratados, de Gabriel Soares de Souza (1540-1591), com o **Tratado Descritivo do Brasil**, e do Padre Fernão Cardim (1540-1625), com **Narrativa Epistolar**.

E, seguidamente, situa-se como figura máxima desse tempo, o padre José de Anchieta (1533-1597). Um grande humanista, teatrólogo, poeta, historiador e filólogo, conhecia bem as línguas indígenas, fez poemas “no livro instantâneo das areias”, como disse o poeta Cosme Lemos, além de outros jesuítas como Luís da Grã (1523-1609), Luís Figueira (1575-1643), Leonardo do Vale (1538-1591), Fernão Cardim (1549-1625), Manuel Viegas (1533-1608), destacando-se o “eminente historiador das atividades da Companhia de Jesus no Brasil, o Rev.<sup>o</sup> Pe. Serafim Leite”, autor da monumental obra **História da Companhia de Jesus no Brasil**.

Situando Recife nesse tempo, diz ainda Amoroso Lima que o “século fôra de uma tomada de posse”, e acrescenta que o “século XVII já vem a ser de certo modo, uma tomada de consciência” e exemplificava que “as lutas contra os holandeses, em que se reúnem já as várias correntes raciais, é um índice de afirmação coletiva incipiente”, e, a seguir, aparecem os nomes de Gregório de Matos (1633-1696), Frei Vicente de Salvador (1564-1639), Padre Antônio Vieira, jesuíta, (1608-1697). Justamente nesse século, dá-se relêvo a dois acontecimentos importantes na vida intelectual das cidades, consubstanciadas na “**fundação das Academias e o aparecimento, em Minas, de um núcleo de poetas**”.

Assim sendo, temos os poemas épicos de Santa Rita Durão (1722-1784), os versos soltos de Basílio da Gama (1741-1795), o lirismo de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), as **Liras** de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1807), e Alvarenga Peixoto (1744-1792), que chamaram de “**poeta de pouco sentimento, mas de imaginação fácil e colorida**”, e mais Silva Alvarenga (1749-1814), que foi o inspirador das sociedades cariocas no campo ideológico, além do Padre Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), também mineiro, que Bocage apelidou de “Caldas de Cobre”, enquanto seu contemporâneo Sousa Caldas era o “Caldas de Prata”, para chegarmos, finalmente, a Domingos Gonçalves de Magalhães (1811-1882), a quem se atribui ser um dos iniciadores do **Romantismo**, com seus **Suspiros Poéticos e Saudades** (1836). Com o ponto de vista diferente, o gaúcho Manuel de Ornelas vê no gaúcho Araújo Pôrto-Alegre (1806-1879), o verdadeiro ini-

ciador do Romantismo no Brasil, enquanto no entendimento de Sílvio Romero a primazia cabe ao poeta Maciel Monteiro (1804-1868).

O **Romantismo** medeia entre 1830-1870. Assinale-se, de permeio a fase pré-romântica. É a que vem com a chegada da Família Real e se “**encerra com o aparecimento dos primeiros poemas e romances da nova geração, nascida por volta de 1808**”. Vem com a chegada da Côrte ao Rio, a abertura dos Portos, os movimentos populares e as elites.

Dizem que com isso foram renovados, de maneira sensível, os elementos culturais, fundando-se os primeiros cursos superiores, militares, médicos e jurídicos.

Tudo indica que cabe mesmo a Domingos Gonçalves de Magalhães o galardão de ser o fundador do **Romantismo**, entre nós, de vez que foi êle quem publicou no Brasil, o primeiro livro de poemas, o já referido **Suspiros Poéticos e Saudades**. Alceu de Amoroso Lima chama-lhe um “poeta medíocre” e vê em Araújo Pôrto-Alegre um “poeta secundário”. Destaque-se, ainda, Gonçalves Dias considerando o “**grande poeta dessa geração inicial do Romantismo**”. Mestre Alceu de Amoroso Lima vê em Gonçalves Dias “**o verdadeiro fundador da literatura brasileira nacional**”.

Aparece uma **segunda geração romântica**, com Junqueira Freire (1832-1855), Álvares de Azevedo, (1831-1852), Fagundes Varela (1841-1875) e Castro Alves (1847-1871), que divide com Gonçalves Dias (1823-1864) as glórias de maior poeta romântico do Brasil.

Registre-se, de modo especial, o nome de José de Alencar (1829-1877), talvez maior do que Machado de Assis, embora conflitem, neste ponto, alguns filólogos, e que à semelhança de Gonçalves Dias explorou a temática indianista, em magníficos romances, do tipo de **Iracema**. E, mais, o de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), diretor de jornal e que foi, na verdade, um dos maiores ensaístas brasileiros e que tão bem soube penetrar os nossos grandes problemas sociais.

O **Realismo** e o **Parnasianismo** — 1870-1890 — tiveram por berço o velho Recife, que dera início à luta contra o Romantismo. Viveu a tradicional Faculdade de Direito a febre intensa que marcou aqueles dias, com Tobias Barreto (1839-1899) exercendo o papel de maior relêvo.

Não deve ser esquecido o papel que desempenharam como críticos, Sílvio Romero (1851-1914), José Veríssimo (1857-1916)

e Araripe Júnior (1848-1911), considerado o “**mais original dos três como pensador**”, além da chamada histografia de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) e Capistrano de Abreu (1853-1927).

E, ainda, dê-se destaque, nesse grupo, aos nomes de Oliveira Lima (1867-1928) e Rocha Pombo (1857-1933). No campo do romance naturalista, houve escritores de valor no estilo Flaubert e mesmo Zola, a exemplo de Inglês de Sousa (1853-1918) e Aluísio de Azevedo (1857-1913), êste considerado o melhor dêles. Seguem-se João Ribeiro (1860-1934), Raul Pompéia (1863-1895), e, de modo especial, Machado de Assis (1839-1908), autor de tantos livros que ainda são por nós relidos, citados, anotados e comentados. Aí estão **Memórias Póstumas de Brás Cuba** (1881), **Dom Casmurro** (1889), **Quincas Borba** (1891), **Memorial de Aires** (1908), êste último, como diz um de seus biógrafos, “**o canto do cisne em que se apresentou como que a última e própria filosofia de vida, já repassada de uma ternura e de uma conformidade, que haviam faltado em seus romances de antes**”. Machado de Assis deve também ser situado como contista e poeta, com destaque no jornalismo e na crítica.

Aponte-se como expoentes da época, Joaquim Nabuco (1849-1910) e Rui Barbosa (1849-1923), duas culminâncias da cultura, jornalistas e oradores magníficos, autores de obras notáveis que nem é preciso ressaltar. Não resta dúvida que para apreciar a obra literária de Rui, forçoso é “**levarmos em conta as limitações dos gêneros em que foi vasada: a oratória e o jornalismo**”.

Há uma trilogia **parnasiana-clássica**, composta de Olavo Bilac (1865-1918), Alberto de Oliveira (1857-1937) e Raimundo Correia (1859-1911), que bem merece destaque. O nome de Vicente de Carvalho (1866-1924), por justiça, deve ser somado àqueles.

Seria necessário falar-lhes das obras dêsses poetas? Entendemos que não, pois êles estão aí vivos nas quadras de nossa mocidade, nas nossas estantes, através de livros que são relíquias perfeitas e sentimentais de todos nós.

Amadeu Amaral (1875-1929), poeta, jornalista, folclorista, filólogo, vê, em Francisca Júlia da Silva (1879-1920), a mais completa organização parnasiana de nossa literatura. Os compêndios de literatura não lhe têm dado relêvo merecido.

Outros poetas parnasianos notáveis: Luís Guimarães Júnior (1845-1898), Hermes Fontes (1888-1930), Teófilo Dias (1854-1889), Luís Delfino 1834-1910), Guimarães Passos (1867-1909),

Emílio de Menezes (1866-1918), Raul de Leôni (1895-1926), Augusto de Lima (1859-1934), Carlos de Magalhães Azeredo (1872-1963), Olegário Mariano (1889-1958), estreante com **Ângelus**, em 1911, situando-se no Neoparnasianismo, para depois **dulcificá-lo, com matizes simbolistas**, e, mais tarde, dizer-se um “**lírico incorrigível**”. Foi o **príncipe dos poetas**, sucedendo a Alberto de Oliveira, para ser conhecido como o “**poeta das cigarras**”, através do livro **Últimas Cigarras** (1920), inspetor de ensino, censor teatral, deputado federal, tabelião de notas e embaixador em Portugal. Foi o cantor consagrado, das “**tediosas cigarras de verão**”.

Com Alceu de Amoroso Lima, apenas devemos dizer-lhes: “**A Poesia parnasiana, como a poesia romântica, tornou-se crescentemente popular a partir de 1880, quando começaram a divulgar-se os novos ideais estéticos e a aparecer a nova geração, que vinha reagir contra a facilidade e o sentimento românticos, retomando, de certo modo, tradição clássica. No romance também o Realismo substituiu totalmente o velho idealismo romântico e, quando caiu o Império, a literatura apresentava caráter totalmente oposto ao seu início. Acabava de passar o Brasil por uma transformação profunda. A influência francesa continuava a dominar. Mas já se delineavam novos contactos com a literatura alemã e inglesa. A filosofia espiritualista, dominante no início do século, cedera ao pôsto a influências marcadamente naturalistas que, em geral, haviam operado a cisão entre as classes intelectuais, dominadas pelo agnosticismo e pelo ceticismo e as classes populares ainda profundamente impregnadas de cristianismo**”.

Mesmo de relance, falemos da **Fase Moderna** denominada **Simbolismo** (1890-1900). Esse movimento só começou a desfrutar consideração em 1927. Determina realmente o início da referida **Fase Moderna**. Foi êle efetivamente uma reação contra os movimentos do passado? Entendem os críticos que sim, pois foi o **Simbolismo**, como disseram, “**o último movimento em que a influência das letras portuguesas se fêz sentir diretamente entre nós**”, através de Antônio Nobre (1867-1900), Guerra Junqueiro (1850-1923), Eugênio de Castro (1869-1944) e outros. O **Simbolismo** foi mesmo uma reação contra as regras severas do parnasianismo.

Cruz e Sousa (1861-1898) e Alfonsus Guimaraens (1870-1921) são chamados de “**corifeus iniciais da nova escola**”, um catariense e o outro mineiro. Justamente em 1900 surge a “**geração Simbolista**”. Nela, a figura de maior destaque é Mário Pederneras (1868-1915), carioca, poeta de verso livre. Também Gon-

zaga Duque (1863-1911), prosador, autor de **Mocidade Morta** (1899), que os críticos mais severos dizem ser o “**único romance suportável que o Simbolismo legou**”.

Passando ao Pré Modernismo (1900-1920, que Alceu de Amoroso Lima chama de **nacionalista** ou **eclético**, merecem destaque os nomes de Bernardo Guimarães (1825-1884), Afonso Arinos (1868-1916), Euclides da Cunha (1866-1909), Afrânio Peixoto (1876-1947), Coelho Neto (1864-1934), Hermes Fontes (1888-1930), Pereira da Silva (1877-1944), Augusto dos Anjos (1844-1914), Lima Barreto (1881-1922).

Brito Broca, falecido em 1961, retratou a história desse período num livro que se lê com avidez, obra considerada clássica, intitulada **Vida Literária**, 1900. Vejam os senhores quantos poetas e escritores marcaram essa época, poetas e escritores que sempre estiveram às nossas cabeceiras, cujos versos tanto decoramos e os recitamos nas tertúlias literárias das cidades natais.

O **Modernismo** vai de 1920 a 1945. Tristão de Ataíde diz: “**Rompeu-se a câmara da timidez, abriram-se os diques da insatisfação e, ao conformismo, sucedeu um polemismo que caracterizou em grande parte o nôvo movimento. O Modernismo, na sua grande parte, ia ser acima de tudo, um movimento contra**”.

É justamente nessa fase em que aparece o nome de Graça Aranha (1868-1931), com o seu romance **Canaã** (Rio, 1922), que, segundo a crítica, “**era social de tema e simbolista de estilo**”, além de Jackson de Figueiredo (1891-1928), Monteiro Lobato (1882-1948), e Humberto de Campos (1886-1934). Seria de todo desnecessário falar-lhes sobre a obra de cada um desses escritores. Mas, mesmo de passagem, é oportuno ressaltar a influência que Humberto de Campos exerceu sobre nossa formação intelectual. Lemos todos os seus livros. Desde o **Poesias Completas** ao seu póstumo **Diário Secreto**, vivemos todos os seus temas: poesia, prosa, crítica, memória, conto, crônica. O **Pequeno Dicionário da Literatura Brasileira**, da equipe da Editora Cultrix, diz que Humberto “**foi contudo, entre os nossos prosadores, um dos que granjearam maior notoriedade, mais atenção impôs e melhor lugar conquistou nas letras**”.

Seguem-se Martins Fontes (1884-1937), Ribeiro Couto (1898-1963), autor de **Jardim das Confidências**, que tem um pouco de todos nós, Alcântara Machado (1901-1935) que a “**morte prematura impediu que se completasse como escritor**”, além do famoso grupo da revista **Festa**, composto de Cecília Meireles (1901-1964),

Gilka Machado, Murilo Araújo (1894), Tasso da Silveira (1895) e outros.

O poeta Manuel Bandeira (1886-1968), apelidado de **São João Batista da Nova Poesia**, ou seja, do **Modernismo**, pelo fato de ter publicado o **Sonho de Uma Terça Feira Gorda**, em versos livres, até o seu **Itinerário da Pasárgada** e de sua **Antologia Poética**, é um grande expoente dessa escola, assim como Oswald de Andrade (1891-1954), com a sua **“arte de liberdade total”**, tão difundida, além de Mário de Andrade (1893-1945) que, ao morrer, falou das **amargas queixas** que lançou contra si mesmo, de não ter sabido manter contacto com o povo.

Segue-se Martins Fontes (1884-1937), chamado de espírito exuberante e retórico, depois de **“Sombra, Silêncio e Sonho”**, publicado em São Paulo, em 1933, e que obteve em 1936, com o **“Poesias Completas”**, marcante sucesso.

Ressalte-se, nesse período, o nome de Ronald de Carvalho (1883-1935), que deixou uma obra literária notável, a exemplo dessa **Pequena História da Literatura Brasileira**, assim modestamente chamada, mas admirável pela concisão, pelo conteúdo e pela forma.

Há, ainda, que destacar Felipe de Oliveira (1891-1933), Alvaro Moreyra (1888-1964), Carlos Drummond de Andrade (1902), Murilo Mendes (1901), Jorge de Lima (1893-1953), autor de **Essa Nêga Fulô**, Cassiano Ricardo (1895) e Menotti Del Pichia (1892), para chegarmos até Guilherme de Almeida 1890-1969), o **Príncipe dos Poetas Brasileiros**, também chamado de **“um virtuoso da língua”**. Seguem-se Gustavo Barroso (1888-1959), estreante com **Terra do Sol**, uma das glórias literárias do Ceará, e Peregrino Júnior (1898), norte-rio-grandense, nascido em Natal, morador na antiga rua dos Tocos, que já foi 13 de Maio e hoje é Princesa Isabel, o festejado cronista de **“Um sorriso para tôdas”**, da revista **Fon Fon**, pertence à Academia Brasileira de Letras. É um escritor primoroso e fértil, de palestra simpática e envolvente, o presidente perpétuo dos nossos almoços às segundas-feiras na ABI. As suas obras estão impregnadas da região amazônica, onde viveu, a exemplo desses **“Histórias da Amazônia”** (Rio, 1936), e **“A Mata Submersa”** (Rio, 1960), onde se diz que **há maior equilíbrio entre o documental e o ficcional**, numa visão literária e convincente dos dramas humanos da Amazônia.

Já que abordamos a **prosa modernista**, coloquemos em primeiro lugar o nome de José Américo de Almeida (1887), de quem já foi dito que a leitura dos **Sertões** de Euclides da Cunha, deu-

lhe a necessária formação literária de que se armou para escrever “**A Paraíba e seus Problemas**” (Paraíba, 1923 — 2.<sup>a</sup> edição — Ed. Globo, 1937) e **A Bagaceira** (1.<sup>a</sup> edição, Imprensa Oficial, Paraíba — 1928, 9.<sup>a</sup> edição, Livraria José Olímpio) êste último o romance pioneiro que abriu o ciclo da literatura regional do Nordeste Brasileiro e fruto de sua aguçada observação da vida do sertão, para chegarmos às suas memórias, nesse primeiro volume a que êle chama de **O Ano de Nego**.

Ainda Gilberto Freyre (1900), que **Casa Grande e Senzala** consagrou e, mais, o paraibano José Lins do Rêgo (1901-1957) que nos deu tantas obras sôbre o “**ciclo da cana de açúcar**”. Raquel de Queirós (1910), autora de **O Quinze**, Gaciliano Ramos (1892-1953), o alagoano impetuoso, às vêzes contundente nas suas críticas, com o seu **Vidas Sêcas**, de quem um de seus biógrafos diz: — “Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada dispondo-se de uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vividas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir”. Jorge Amado (1912) cujos livros estão cheios de “gente pobre e desvalida, homens de cais de pôrto, menores abandonados, pais de santos, prostitutas, mascates, biscateiros, capoeiristas, malandros que, com os trabalhadores da roça, coronéis, cangaceiros, constituem a galeria amadiana”, (Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira).

Façamos a devida justiça a Gilberto Amado (1887-1959). Depois de excelentes livros de ensaio, romance e poesia, alguns tirados de sua colaboração na imprensa, presenteia-nos com suas memórias: “**História de Minha Infância**” (Rio, 1954), **Minha Formação no Recife** (Rio, 1955), **Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa** (Rio, 1956), **Presença na Política** (Rio, 1958) e **Depois da Política** (Rio, 1960). Eis por que teve razão Gilberto Freyre quando disse: “**O jurista, o intelectual, o pensador político de renome internacional, o poeta, o professor Gilberto Amado — hoje na plenitude da glória não apenas nacional mas internacional — não se desprende do seu passado recifense nem da sua formação pernambucana**”. **História de Minha Infância** é o livro dêsse sergipano de Estância que todos gostaríamos de escrever. Devemos mencionar o nome de José Mauro de Vasconcelos (1920) nascido no Rio de Janeiro e criado em Natal, aluno que

foi do antigo Colégio Santo Antônio, escritor de exuberante imaginação e de inquietante temperamento de viajante, percorreu todo o Brasil, para melhor escrever as suas histórias. Antes havia nos dado **Barro Blanco** (1948), que teve por cenário a minha cidade de Macau, merecendor de críticas construtivas que lhe foram feitas, e, depois, **Longe da Terra, Arara Vermelha, Banana Brava, Rua Descalça, Arraia de Fogo, Rosinha, Minha Canoa e Doidão**, que é um pedaço de sua vida em Natal, como estudante, dos banhos no rio Potengi e Praia do Meio, de atleta, namorado, espírito rebelde. Refulge agora com "**O Meu Pé de Laranja Lima**, nôvo best seller de nossa literatura, livro que é a "história de um meninozinho que um dia conheceu a dor".

Seguem-se-lhes ainda Diná Silveira de Queiroz (1911), Érico Veríssimo (1905), Ciro dos Anjos (1906), Álvaro Lins (1912) autor de **História Literária de Eça de Queirós**, Viana Moog (1906) com **Bandeirantes e Pioneiros** e que modestamente confessa que só se projetou na vida literária brasileira, depois da crítica benfazeja que lhe fêz Tristão de Ataíde.

Acrescente-se, nesse grupo, a Guimarães Rosa (1908-1967), autor de **Grande Sertão: Veredas**. Coloquemos também no lugar merecido o nome de De Castro e Silva (1913), paraibano, radicado em São Paulo, poeta e escritor, e que nos tem dado tantos livros preciosos, dentre eles **Poemas da Terra e do Homem e Augusto dos Anjos, o Poeta e o Homem**, a que Álvaro Lins faz o elogio "pelos elementos novos que trazem como documentação para um melhor conhecimento do poeta". Demócrito de Castro e Silva — eis o seu nome todo — é membro da Academia Paraibana de Letras, e ocupante da Cadeira n.º 22, sob a égide de Maciel Pinheiro. Recentemente, foi eleito para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ocupando a Cadeira que tem como patrono Epitácio Pessoa. Mas, há ainda dois outros escritores paraibanos que desejamos mencionar: Horácio de Almeida, que tem sido o crítico de nossos trabalhos na Federação das Academias de Letra do Brasil, no Rio de Janeiro, e autor da **História da Paraíba**, volume I (1966) e dêsse primoroso **Augusto dos Anjos — Razões de Sua Angústia**, e Luís Pinto de tantas obras impregnadas da terra paraibana, como **Síntese Histórica da Paraíba** (1938), **Vidal de Negreiros** (1943), **Otacílio de Albuquerque** (1945), **Terra Sêca**, além de **Tiradentes** (1944), **General Osório** (1945), **Idéias e Pensamentos de Tavares Bastos** (1947) **História do Povo Brasileiro** (1948). Já anuncia para breve "**O Centauro das Coxilhas — Osório**".

Luis Wanderley Tôres (1912), paraibano de Patos, reside em São Paulo, publicou **"Tiradentes" — A Áspera Estrada da Liberdade**". É membro do Ministério Público Paulista. Quando estudante, percorreu todo o Nordeste do país no encalço de Lampion, levando seis meses nessa aventura arriscada na busca de uma reportagem. É professor de Direito, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Estão a merecer o mesmo destaque os nomes de Adalgisa Néri, com excelente livro de poesias, Clarice Lispector com **"Legião Estrangeira"**, Stela Leonardos, com seus poemas de largo fôlego, Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), com **"Mensagens aos Poetas Novos"** (São Paulo, 1950) e **"Poesias Completas"** (Rio, 1955). Foi êle **"uma das figuras mais representativas da segunda fase do Modernismo"**, segundo a crítica. Vinícius de Moraes (1913), com **Poesias Completas** e **Orfeu da Conceição** (teatro) e êsse intessante **Para viver um grande amor**, (Rio, 1962) poema e crônica. Thiago de Melo (1910), autor de **"A Lenda da Rosa"**, poesia. João Cabral de Melo Neto, com **Morte e Vida Severina**. Otávio de Faria (1908), com **"Tragedia Burguesa"**, Campos de Carvalho, no terreno da ficção, com dois livros excelentes: **"A Chuva Imóvel"** e **"O Púcaro "Búlgaro"**. Adonias Filho (1915), com os romances **"Memórias de Lázaro"** e **"Corpo Vivo"**. Nelson Rodrigues (1912), o discutido teatrólogo, com **"Vestido de Noiva"**, **"Beijo no Asfalto"**, **"Tôda nudez será castigada"**, que compreende o ciclo carioca do Teatro, assim como Jorge Andrade com **"A Moratória"**, que pertence ao ciclo do Teatro Paulista. Lúcio Cardoso (1912), com **"Crônica da Casa Assassinada"**, considerado um dos grandes romances brasileiros. Walmyr Ayala, na poesia, conto e teatro, chamado com destaque de **O Jovem Poeta Maldito Brasileiro**. E, para encerrar êste ciclo de poetas e escritores, que tem merecido nossos estudos, é de justifica mencionar o nome de Josué Montello (1917) através de livros, ensaios literários, teatro, pedagogia, história e romances. Nestes, segundo a crítica, **"demonstra seu apêgo aos esquemas tradicionais da arte de narrar não apenas pela linguagem direta, nítida, fluente, como sobretudo pela proeminência dada à tessitura do enrêdo, à caracterização psicológica das personagens e à descrição dos costumes sociais de São Luiz do Maranhão, onde se ambienta a ação de tais romances"**. O seu livro mais recente, **"Uma palavra depois de outra"**, (1969 — Rio — Instituto Nacional do Livro), compreende notas e estudos de literatura, em que o autor, citando o Eclesiastes, Cap. IV, vers. 2, diz: **"E Louvei mais os mortos**

do que os vivos". E, também, Henrique Pongetti, (1898) o cronista e escritor magníficos com os recentes "Espinho na Carne" e "Fábula e Contrafábula".

## 2 — ESCRITORES NORTE-RIO-GRANDENSES

Deixamos deliberadamente para mencionar por último, os intelectuais conterrâneos e assim coloquemos em primeiro plano o nome de Luís da Câmara Cascudo (1898), com um destaque especial, o maior de todos os escritores norte-rio-grandenses. É ele o mestre de sempre, tem sido o nosso padrinho em tôdas as iniciativas intelectuais em que temos tomado parte. É o autor de tantos livros que só engrandecem a nossa literatura, a exemplo dêsse admirável **História do Rio Grande do Norte, Dicionário do Folclore Brasileiro**, (obra clássica no gênero), **História da Cidade do Natal**, além de uma centena de outros, sob os mais variados temas, por ser mestre consagrado no campo da História, Sociologia, Folclore, Etnografia, Antropologia, Genealogia, Biografia, arrancando, como bom garimpeiro, da ganga bruta, assuntos de real interesse como rêde-de-dormir, jangada, jangadeiro, cachaça, assombrações, meleagro, alimentação, cura de uma gripe, para engrandecê-los na forma descritiva e chegar, afinal, às suas memórias através dêsse esplêndido **O Tempo e Eu**, cheio de emotividade e beleza, que li na praia de Tibau, olhando o mar verde, infindável, sem poder distinguir quem era maior.

Há dois anos passados, Peregrino Júnior, numa conferência no Centro-Norte-Rio-Grandense, sôbre a vida de Rodolfo Garcia, ressaltou o fato de ser o nosso Estado o único no Brasil, que podia dar-se ao luxo de dizer, enfaticamente, que são seus filhos três grandes historiadores patrícios e enumerou: Luís da Câmara Cascudo — o maior dêles, Rodolfo Garcia (1873-1949) e Tobias Monteiro (1866-1952). Junte-se àqueles o nome de Augusto Tavares de Lira (1872-1958), autor de **História do Rio Grande do Norte** (1921) e figura de grandes estudos relacionados aos nossos problemas.

Numa perspectiva do tempo, históricamente, a remissão aos nossos intelectuais apresenta, em primeiro plano, Nísia Floresta (1810-1885) que o seu biógrafo Adauto Câmara (1898-1952), mosoroense de nascimento, escritor e jornalista, historiador de mérito, citando Oliveira Lima, classifica de "a mais notável mulher de letras do Brasil". Nísia Floresta Brasileira Augusta, educadora, poetisa, romancista, escreveu em três línguas, foi amiga

de Comte que considerava “um gênio”, de Alexandre Herculano, de quem dizia ser o “herdeiro das antigas virtudes lusitanas”, privou da convivência com Manzoni, ressaltando-lhe a “semelhança física com um dos poetas de sua mocidade”, que foi Lamartine. Como corolário a tudo isso, aí está o seu *Fragments* que se lê ainda hoje com aquela ansiedade do verdor dos anos. Adauto da Câmara publicou *História da Revolução de 1817*, Padre Miguelinho, Câmaras e Mirandas Henriques, *O Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguai*, *O Culto de Baraúna*, *Reminiscências do Ateneu Norte Rio-Grandense* e outros livros de estudos e pesquisa da nossa história.

E, vêm, a seguir, tantos nomes que nos são caros, como Luís Carlos Lins Wanderley (1831-1898), o médico-poeta, com *Lira do Amor* e seus dramas encenados com tanto sucesso, Auta de Sousa (1876-1901), com o *Horto*. O crítico do Modernismo, Silva Ramos tem para essa poetisa estas palavras: — “À sua delicada poesia costumam atribuir caráter simbolista: engano para o qual contribuiu a cronologia ou, mais provavelmente, a predominância de elementos litúrgicos (católicos) em seus versos. Trata-se antes, de uma poetisa de sensibilidade neo-romântica, tradicionalista, às vezes elegíaca, sempre singela”. O nosso Segundo Wanderley (1860-1909), autor de *Naufrágio do Vapor Bahia*, do *Paralelo Entre o Homem e a Mulher* e desse livro encantador que é *Poesias*, cujo estro o escritor M. Rodrigues de Melo ressaltou nestas palavras: Não me apego a escolas e modelos, não discuto metros. Reivindico, tão somente, para Segundo Wanderley, o estilo inconfundível, a forma pessoal, a maneira de dizer, o modo de vestir o seu pensamento e encarnar as suas idéias que eram as idéias do século em que viveu”. Ferreira Itajubá (1877-1912), autor de *Terra Natal*, o enamorado de Branca, a noiva sofredora, cheia de esperanças e amor, agora com o seu *Poesias Completas*, editado em 1965, pela Fundação José Augusto, que na afirmação de seus biógrafos “foi um poeta, por direito de nascença”. E nada mais certo. Gotardo Neto (1881-1911), companheiro de Casimiro de Abreu no seu exílio, e de Castro Alves, nas serenatas da paulicéia, autor do livro *Fôlhas Mortas*.

Ainda, Henrique Castriciano (1873-1947), com o seu poema *O Aboio*, que Rômulo Wanderley, no *Panorama da Poesia Norte Rio Grandense* chama de “uma página de antologia”, além de vários livros de ensaio e teatro. Sebastião Fernandes (1880-1914) que Câmara Cascudo chamou de “o último fidalgo”, com o seu *Poesias*. Ponciano, Barbosa (1889-1919), autor de *O Algodoeiro*, que é antológico. Olda Avelino (1895-1965), macauense, com

tantas poesias publicadas e um livro inédito. Manoel Dantas (1867-1924), jornalista e brilhante polígrafo do seu tempo, com **Denominação dos Municípios e Homens de Outrora** (1941), obra póstuma. Ezequiel Wanderley (1872-1933), de intensa atividade literária em jornais, revistas, livros, com o **Poetas do Rio Grande do Norte** (1922), **Balões de Ensaio** (1922), **O Meu Teatro** (1927). José Martins de Vasconcelos (1874-1947), o homem miraculoso do jornal "O Nordeste", o jornalista-poeta de Mossoró, com **Histórias do Sertão** (1918) — Mossoró). Aurélio Pinheiro (1882-1938), com o romance **Macau**, que gerou tantas controvérsias na minha cidade, e de quem Américo de Oliveira Costa fez um estudo magnífico. Policarpo Feitosa, que é o austero Dr. Antônio José Melo e Souza (1867-1955), com êsse agradável **Gizinha**, que recebeu elogios de João Ribeiro, livro de que tanto gostei na mocidade, decorando-lhe frases inteiras.

Falemos, agora, de Celestino Wanderley (1862-1942), cheio de bondade, autor de **Auroras** e o bizarro cinzelador de **Pássaros**, de rara beleza, e registramos, ao ensejo, os livros publicados no último século e princípio deste, pelo poeta da abolição Paulo de Albuquerque (1844-1902): **Sombras e Crenças** (1866 — Recife), **Alocação** (1890 Mossoró), **Últimas Quedas** (1899 — Mossoró), **Comas e Delírios** (1902-1908 — Mossoró), **Senhoritas do Porvir** (1902 — Mossoró — drama inédito), **Discursos Religiosos** (1902 — Mossoró, inédito).

Há um outro grupo de intelectuais a destacar, começando por Felipe Guerra (1867-1951), o sociólogo e pioneiro no estudo das sêcas, dando-nos **Sêcas contra a Sêca**, (1909 — Mosoró), em que apresentou uma grande visão do problema. Elói de Sousa (1873-1959) em **Calvário das Sêcas**, e, agora, com "**Cartas de um Sertanejo**" (1969), livro póstumo, anotado pelo escritor Raimundo Nonato, e editado pela Fundação José Augusto. O desembargador Antônio Soares (1879), o poeta de **Noivos** e autor da **Lira de Poti** e dêsse notável **Dicionário Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, infelizmente incompleto.

Ainda, José Augusto (1884), uma das mais expressivas manifestações do espírito da democracia brasileira, figura das mais brilhantes na vida pública do país, onde ocupou, com relêvo, cargos e exerceu mandatos eletivos. Sua passagem pelo governo do Rio Grande do Norte foi marcada por um clima de respeito às liberdades humanas, de consagração à justiça, de honestidade digna de respeito e de todos os elogios dos seus conterrâneos. Homem de alta cultura, publicou, entre outros trabalhos, **Aos Homens de Bem** (1927), **Famílias Seridoenses** (1940), **Seridó**

(1950), **Presidencialismo versus Parlamentarismo** (1962) e o **Rio Grande do Norte no Senado da República** (1968), além de outros em jornais e revistas, sobretudo em assuntos relacionados com a educação pública de cuja divulgação foi figura de destacada saliência. Dêle se disse, com justa razão, que “**tem a sua biografia gravada na memória de duas gerações de norte-rio-grandenses**”.

Seguem-se Bruno Pereira (1886), que é antes de tudo jornalista, mas também um excelente poeta, como nos mostra êsse **Visão da Sêca**, a poetisa Stella Wanderley, de versos primorosos, com **Sinos de Natal** e livros inéditos, como **Segundo Wanderley na Intimidade**, Carolina Wanderley, cheia de emotividade, com **Alma em Versos** e outros inéditos, Palmira Wanderley, outra excelente poetisa desta família a que me orgulho de pertencer, com o seu recente **Roseira Brava e Outros Versos**, que mereceu louvores da Academia Brasileira de Letras. O nosso Otoniel Meneses (1895-1969) o eterno cantor de **Praieira**, com o seu **Canção da Montanha**. Jaime dos G. Wanderley, (1897) o maior da família em termos de literatura, com o seu atualíssimo **Espinhos de Jurema**. Otacílio Alecrim (1906-1968), que se auto-exilou no Rio de Janeiro, figura das mais brilhantes de sua geração acadêmica, com **Província Submersa**, autobiografia e memórias de Macaíba, e êsse excelente **Idéias e Instituições no Império**.

E, mais, Armando Seabra (1892-1920), com **Ensaio de Crítica e Literatura** (1923). Aderbal de França, o nosso Danilo, que comecei a admirar nas páginas de “A Cigarra”, com 40 anos de crônica literária e social no jornalismo natalense, com o seu **Vida Profana**, (Rio — 1926). Dioclécio Dantas Duarte (1894), grande estudioso dos nossos problemas, detentor de vasta cultura com uma série de livros, dentre êles **Estudos de Economia e O Sal na Economia do Brasil** (1942 — Rio). Nestor Lima (1887-1959) o pesquisador tenaz e seguro, que tão bem fixou a nossa história, além de professor, conferencista, enfim uma vida tôda dedicada à cultura do Rio Grande do Norte. Irineu de Albuquerque (1882-1953), com **Ensaio Poético** (1905 — Mossoró), o nosso saudoso Virgílio Trindade (1887-1969), poeta e teatrólogo, cheio de bom humor, anunciando **Despropósitos a Propósito** e, também **Águas Paradas** (contos).

É oportuno apontar outros escritores e outros livros, também norte-riograndense, a exemplo de Elizeu Viana (1890-1960) o mestre inesquecível de Mossoró, com as suas revistas musicadas e êsse sentimental **Escola em Festas**, que guardamos com afeto e reconhecimento. Monsenhor Luís Monte, com **Fundamentos Biológicos da Castidade**. D. Adelino Dantas (1908), o bispo-

poeta, seridoense, com **Homens e Fatos do Seridó Antigo**. Jaime Adour da Câmara (1898-1964), com **Oropa, França e Bahia**. Juvenal Lamartine (1874-1956), que foi desta casa, com **Velhos Costumes do Meu Sertão**. M. Rodrigues de Melo com **Várzea do Açu e Patriarca & Carreiros**, onde o autor nos mostra todo o talento de estudioso da Sociologia regional. Renato Caldas, (1902) o poeta do Açu, com **Fuló do Mato**. Francisco Amorim (1899), também da terra dos carnaubais, com **História da Imprensa de Açu**, e outros livros de ensaio e versos. Edinor Avelino (1898) com **Sínteses**, numa espera de quarenta anos para publicar e onde se encontra o seu poema máximo "Macau", a "terra calma e boa" de todos nós. Vingt-Um Rosado (1920), publicando em 1940, "**Mossoró**", que é a história da terra inesquecível. Milton Pedrosa (1911) mossoroense residente no Rio de Janeiro, com **Passos Cegos** e outros livros. José Herôncio (1906-1957), o companheiro querido do Macau de outrora, com o livro **Natureza**. A seguir, vem Hélio Galvão, com o **Mutirão no Nordeste**, e, mais recentemente, **Novas Cartas da Praia**. O martinense-mossoroense Raimundo Nonato (1907), com mais de uma dezena de bons livros, merecendo destaque **Quarteirão da Fome** e **Memórias de Um Retirante**, além de alguns a publicar como **A Gesta de Jesuíno Brilhante**, **Ruas, Caminhos da Saudade** e o romance de costumes **Pôço das Pedras**, êstes dois referentes a Mossoró. Rômulo C. Wanderley (1910), com **Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense**, **Canção da Terra dos Carnaubais** e outros de de real valor. O professor Antônio Fagundes, com **Noções da História e Geografia do Açu e Símbolos Nacionais** e êsse pequeno-grande **Leituras Potiguares**. Esmeraldo Siqueira (1908), com uma série de bons livros, especialmente **Gregos e Latinos, Taine e Renam, Do Meu Reduto Provinciano e Velhas Cartas**. Luís Rabelo (1921), com **Último Canto** e **Trovas que a Vida me deu**. João Batista Cascudo Rodrigues, essa inteligência môça a serviço de Mossoró, com a **Mulher Brasileira, Direitos Políticos e Cívís** e outros livros. Gumercindo Saraiva, com uma segura pesquisa musical através de **Trovadores Potiguares**. Padre Jorge O'Grady de Paiva, publicando **Na Seara das Letras, da Fé e da Ciência**, e recentemente, **Astronomia e Astronáutica**, de marcantes sucessos. José Wanderley (1905), o renomado teatrólogo, com a sua nova comédia de êxito **Amanhã é dia de pecar**.

E, ainda, Edgar Barbosa, com **Imagens do Tempo**, em que se revela o grande esteta criador de formas. O eminente e querido mestre Severino Bezerra de Melo, com o seu livro **Como Errar Menos**, cujas lições sábias são as mesmas de outros tempos

por êle ministradas no inesquecível Colégio Pedro II, mas que a peraltice de muitos de seus alunos, dentre os quais nos situamos, não permitiu aproveitá-las suficientemente como nos ensinava. Maria Eugênia Montenegro, mineira-açuense, com **“Saudade, teu nome é menina”**, que Câmara Cascudo chamou de **“a doce voz de uma mineira de Lavras”**. Umberto Peregrino com **Desencontros e Nossas Vidas, Nossas Almas**. Veríssimo de Melo, o eternamente Vivi para seus amigos que são todos os que o conhecem, com **Adivinhas**, e êsse **Xarias e Canguleiros** que é, na verdade, um vigoroso ensaio de folclore e antropologia, além do **Populário Natalense** que Câmara Cascudo apresentou com estas palavras: — **“O Segrêdo desta “Ilusão de Felicidade” é que mestre Vivi é dono de um estilo lépido, luminosamente claro, transparente em sua elegância.”** Há ainda outros escritores e poetas a mencionar, como Tadeu Vilar de Lemos (1901), residindo em Niterói, e publicando sôbre aspectos do Rio Grande do Norte, a exemplo dêsses **Reminiscências da Juventude, Páginas Soltas e Páginas do meu arquivo**, de gratas evocações. Antônio Pinto de Medeiros (1919), autor de **“Um Poeta à Toa”**, bem recebido, Berilo Wanderley (1934), que estreou em 1956 com **Telhado do Sonho**, com louvores. Sanderson Negreiros (1939), com **Fábula, Fábulo**, e mais Wilson Dantas (1920), o desembargador-poeta, com **Espêlho de Emoções**. O macauense Waldemar de Almeida, vitorioso no campo da música e também através das páginas de seu livro **Do Recife à Varsovia**. Ainda Américo de Oliveira Costa, também nascido em Macau, outro estilista da nossa língua, de intensa atividade literária, já nos acena com **“Viagem ao Universo de Câmara Cascudo”**, primeiro prêmio no concurso promovido pela Fundação José Augusto, em comemoração aos 50 anos de vida literária do autor de **O Marquês de Olinda e seu Tempo**. Sandoval Wanderley (1893), o conhecido jornalista de oposição, com suas peças teatrais que tanto sucesso têm alcançado, notadamente **Tudo é Mentira, Ingratidão, Os Culpados** e o livro de memórias **Minha Luta Política**. Minervino Wanderley de Siqueira (1909), autor de **A Cheia**, com **Crônicas, Contos e Poesias**. Antídio Azevedo (1887), com **Pirilampos**. José Pinto Júnior com **Cachimbo de Barro** (contos), **Cão de Luxo**, contos, 1957, e **Não há verba, Doutor** (inédito), além de José Bezerra Gomes, fazendo sucesso literário com **Os Brutos e Por que não se casa, Doutor?** O meu poeta Cosme Lemos (1904), o aedo das serras e o cantor do sol que algum dia todos esperamos ver nas livrarias, consagrado, com o seu livro **Um Lugar na Serenata**, que é primoroso. José Melquiades com **“Padre Francisco de Brito Guerra, Um**

**Senador do Império** e, ainda, desta série, o livro de Afonso Bezerra (1907-1930)), **Ensaios, Contos e Crônicas**, que a pertinência de M. Rodrigues de Melo, seu apresentador, conseguiu publicar 23 anos após a morte do jovem e ilustre filho da cidadezinha de Carapebas, antigo município de Angicos, e que tem hoje o seu nome.

Junte-se a estes o nome de Newton Navarro (1928), um dos moços mais inteligentes desta geração de intelectuais norte-riograndenses. Seus livros aí estão afirmando o que dêle se diz. Chamaram-no de “**um desperdiçador de talentos**”. Pintor já consagrado através de tantas mostras e trabalhos que têm merecido justos louvores, poeta e cronista, haja vista **Subúrbio do Silêncio** (1953 — poemas) e **O Solitário Vento de Verão** (1961 — contos), ambos consagradores. Além de tudo isso, é êsse amigo incomparável, boêmio às vêzes, mas sentimental e lidador. Excepcional como pessoa humana.

E, fechamos o círculo com a menção do nome de Nilo Pereira, aqui presente com essa saudação afetuosa e brilhante. Aí estão as suas obras, seus trabalhos, suas pesquisas. Cêrca de vinte livros do mais alto gabarito intelectual, a exemplo de **Renan e Nabuco**, **Humanismo de Luís de Camões**, **O Período Regencial Brasileiro** e, por último, êsse telúrico e sentimental **Imagens do Ceará Mirim**, um livro ameno, delicioso, encantador, onde aparecem o estilista perfeito da nossa língua que Nilo realmente é, e o filho sempre fiel às suas origens, com prefácio de Edgar Barbosa, igual a Nilo na concepção literária e no estilo. Mas, mesmo de relance, passemos a vista sôbre as páginas dêsse **Imagens do Ceará Mirim** e nos detenhamos sôbre aquelas dos **Sinos Sôbre o vale**, de extraordinária beleza, quando o autor, evocando o seu passado, diz: — **Há longos anos não ouvia a voz do sino sôbre a cidade adormecida, batendo com uma cadência antiga, tão familiar ao menino que, alí, se restitui sempre a sí mesmo: o sino da infância, como aquêlo outro que Renan ouvia de cidades que houvessem mergulhado em águas misteriosas.**”

Quem é que tendo vivido nas cidades interioranas não sente a nostalgia, à hora do **Ângelus**, do sino da velha Igreja, esteja onde estiver, percutindo sôbre as serras, sôbre o mar, sôbre o vale, os verdes carnaubais, nessas ressonâncias afetivas que marcam um estado de alma?

### 3 — NEOMODERNISMO

Feita essa digressão no campo literário da velha Província, chegamos afinal ao **Neomodernismo** que teve o seu início em

1945. Diz ainda Amoroso Lima que “o modernismo nasceu de um choque. O Neomodernismo está surgindo de uma entrega. Aquêles foi uma batalha, uma conquista, uma revolução. Este está sendo uma transmissão voluntária de poderes, de uma geração para outra”.

E enfileirem-e nesta escola os nomes de Adalgisa Néri, Eneida de Moraes, Lia Correia Dutra, Clarice Lispector, Lúcia Beneditti, Stela Leonardos, estas do lado feminino, e do masculino, Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, J. G. Araújo Jorge, Tiago de Melo, ainda Carlos Drummond de Andrade e tantos outros. E, ainda, com referência ao trabalho do professor Amoroso Lima, por mais de uma vez citado no itinerário dêste discurso, concluímos fazendo nossas as suas palavras: — “Mas o que podemos afirmar, é que há mais de um século a literatura brasileira começou a existir e, desde então, progredimos alguma coisa em matéria literária. Podemos dizer que EXISTE uma literatura brasileira, sua irradiação internacional começa mesmo a operar-se. Só depois se dirá quando e até que ponto ela já VIVE”.

#### 4 — ISABEL GONDIM

Passemos, agora, a situar a figura da professora, escritora e poetisa Isabel Gondim, autora de livros tão vinculados à escola literária do seu tempo, razão por que tentaremos fazer a biografia dessa ilustre conterrânea que a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras escolheu pelos justos merecimentos como patrona da Cadeira n.º 8.

O escritor Luís da Câmara Cascudo, no seu *História do Rio Grande do Norte*, página 502, faz a seu respeito o seguinte registro: “Isabel Gondim nasceu no Sítio do Ribeiro, município de Parará (hoje Nísia Floresta), a 5 de julho de 1839. Seu nome todo era Dona Isabel Urbana de Albuquerque Gondim. Prestou concurso em Natal, a 15-6-1866 para obetnção de uma cadeira de ensino primário, aposentando-se a 2 de março de 1891, embora continuasse mantendo cursos particulares. Desde 1861 colaborou nas revistas literárias. Foi a mais antiga escritora norte-riograndense, residente no Estado. Única associada do Instituto Histórico local, 1927. Publicou vários livros de versos, pedagogia, dramas e um ensaio sôbre a revolução de 1817 registrando tradições orais que sabia por intermédio de D. Clara Monteiro de Melo, filha de D. Inácia Monteiro de Albuquerque Gondim, irmã do Padre João Damasceno Xavier Carneiro, Medalha de Ouro do Mérito em 1927. Nobre e veneranda figura de mestre. Faleceu em Natal, a 10 de junho de 1933”.

Reportemo-nos aos livros por ela publicados.

Em 1874, Isabel Gondim faz a sua estréia com **Reflexões às Minhas Alunas**, 1.<sup>a</sup> edição, tirada no Rio de Janeiro, e as 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edições nos anos de 1879 e 1910, Natal, Tipografia A. Leite.

Em 1892, escreveu **Sedição de 1817 na Capitania ora Estado do Rio Grande do Norte**, e o publica em 1908, Natal, Tip. da Gazeta do Comércio. Em 1900, dá-nos o poema **O Brasil**, 1.<sup>a</sup> edição, em 1900, 2.<sup>a</sup> edição, em 1913, Rio de Janeiro, Tipografia Americana. Trata-se de um poema histórico em três cantos, como diz a autora. Afonso Celso (1860-1938) no seu ufanismo pelas coisas do Brasil, escreve de Petrópolis, Estado do Rio, carta datada de 23 de março de 1900, que a autora publica à guiza de apresentação, e diz que “o trabalho é revelador de talento, cultura e patriotismo”.

O Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, na tarde de 13 de Junho do ano passado, em sua reidência, em Copacabana, deu-nos interessante depoimento a respeito do lançamento desse poema, em Natal. Eis, em summa, o que nos contou: — “**Conheci-a muito. Excelente professôra. Lembro-me do poema O Brasil, por ela feito e que teve sua estréia festiva no Palácio do Govêrno, em sessão especial, na passagem do século. Era governador do Estado, Ferreira Chaves. Salão repleto, a poetisa leu soberbamente todo o seu trabalho, concluindo-o sob intensa salva de palmas**”.

A seguir, em 1909, a poetisa publica **O Sacrifício do Amor**, drama histórico em cinco atos.

Em 1912, ela prepara **A Lira Singela** e o publica em 1933, Rio, Editôra Duco. O livro mereceu elogios da crítica.

Em 1933, publica, no Recife, pela Imprensa Industrial, **O Preceptor**, poemeto consagrado à instrução e dedicado a todos os professores.

A sua capacidade de escrever não ficava só nestes livros. Ela anuncia **Elementos de Educação e Curso de Caligrafia**, com diferentes traslados para o ensino dessa arte nas escolas primárias, e, ainda **Noções Históricas do Rio Grande do Norte**. Não sabemos se foram publicados. A nossa pesquisa, neste ponto, não coneguiu maiores esclarecimentos.

O escritor Rômulo C. Wanderley, à página 293, do **Panorama da Poesia Norte -Rio-Grandense**, publica um dos seus poemas, intitulado **Impressões de Minha Terra**, com a seguinte biografia: — “No dia 10 de junho de 1933, falecia em Natal (a 25 dias dos 94 anos), a professôra Isabel Urbana de Albuquerque Gondim. Foi uma existência dedicada ao magistério e às letras,

o que era digno da filha de um professor (Urbano Égide da Silva Costa Gondim de Albuquerque, casado com Isabel Deolinda de Melo Gondim), Serviu-lhe de berço o sítio "Ribeiro", no município de Papari, hoje Nísia Floresta. Graças aos estudos que lhe ministravam o Padre Basílio Alustam e o professor Manuel Laurentino, veio para a capital da província e aqui prestou concurso para a cadeira de ensino, criada para o Bairro da Ribeira, a 15 de junho de 1866. E o seu apostolado — diz a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, volumes XXX e XXXI — foi longo e profícuo, até que se aposentou, por ocasião da instrução primária, realizada em princípios de 1893, pelo governador Pedro Velho, continuando, porém, a ensinar particularmente, enquanto teve energias para tão rude quanto dedicado mister. A sua atividade como escritora foi proveitosa. Assim é que publicou "Reflexões às Minhas Alunas" (1874) com várias edições, "O Brasil", poema histórico (1903), também com duas edições, Sedição de 1817, na Capitania ora Estado do Rio Grande do Norte" (1917), "O Sacrifício do Amor", drama histórico, (1919), A Lira Singela (versos) edição de 1933, deixou inéditos: "O Rio Grande do Norte-Noções Históricas", "Resumo da História do Brasil", "Elementos de Educação" e "Curso Primário de Caligrafia". A 15 de outubro de 1927, por ocasião do transcurso do I Centenário do Ensino Primário do Brasil, um dos grupos escolares de Natal, teve o seu nome, como justa homenagem a quem foi antes de tudo professôra."

O Conde de Afonso Celso na sua apreciação sobre o poema "O Brasil", diz que "podem críticos severos esmiuçar-lhes senões mas ninguém lhe negará entre outras, aquelas qualidades suficientes, por si sós, para tornar o livro de V. Excia. benemérito de geral consideração".

Em A Lira Singela há versos apreciáveis, tendo-se em vista a época em que foram escritos e suas motivações. Há os dedicados à sua terra natal, a seu pai, à sua mãe, auto retrato, despedida ao irmão, a seus sofrimentos, a uma enfêrma, ao magistério, à memória dos heróis da liberdade da Pátria, à virtude, ao batizado de uma criança, à mulher, ao menor, ao escravo, à cidade natal, à inveja e outros.

O seu Reflexões às Minhas Alunas é um livro de méritos. É a própria educadora quem diz: — "Procurei quanto foi possível adaptar este trabalho aos nossos usos e costumes, assim como ao regimen de nossas escolas primárias e com especialidade torná-lo acomodado à acanhada compreensão da infância, a qual,

na parte que lhe é relativa, busquei igualmente atrair, e de cuja educação estou encarregada há alguns anos”.

O professor Severino Bezerra, a quem já nos referimos mais de uma vez, a respeito de Isabel Gondim e dêsse livro, deu-nos o seguinte depoimento: “**Considero Reflexões às Minhas Alunas** o seu livro principal. E aqui vão os votos de que sua longevidade — 94 anos — contagie o atual titular de sua cadeira, o meu ex-aluno Walter Wanderley”.

Do “Sedição de 1817 na Capitania ora Estado do Rio Grande do Norte” é a própria autora que fala: “Procurei restabelecer a verdade dêsses fatos, sôbre a qual tem aparecido divergências de opiniões, sem que a dúvida tivesse sido elucidada, baseando-se não só nas mencionadas tradições, como em testemunhos insuspeitos de contemporâneos da época, a quem tive ocasião de ouvir palestras familiares, quando ainda na adolescência, entre alguns que colaboraram na sedição e arrastaram as conseqüências, como foi o Capitão mor André de Albuquerque Maranhão (de Estivas, nome de sua propriedade rural), meu padrinho, varão circumspecto, particular amigo de minha infância, um dos poucos patriotas do Rio Grande do Norte que lograram regressar da Bahia, em cujo cárcere estivera prisioneiro por alguns anos”.

O Preceptor é um pequeno livro que contém êsse poema “consagrado à educação escolar e dedicado aquêle”, como bem acentua Isabel Gondim. Encontramos ali versos dedicados ao mestre-escola, tendo a própria autora para êle estas palavras: “Impõe-nos o indeclinável dever de prestigiar a nobre profissão de **PRECEPTOR** primário, a quem dedico êste poemeto, como testemunho imorredouro de reconhecimento e gratidão pelas lições transmitidas à autora”.

Feita essa referência, sôbre os livros de Isabel Gondim, mesmo considerando-se que o que escreveu resultou de observações de sua época, todavia chega-se à evidência da clareza de seu estilo e de seu estro, quer como ensaísta, quer como poesia. Os seus versos aceitáveis para o tempo em que os escreveu, dentro daquele **ufanismo** tão a gôsto da época, talvez com justa razão, não seriam aceitos pela escola de hoje. A seu tempo, no entanto, de tal modo foram bem recebidos que se lhe abriram as portas do Palácio do Govêrno para que os declamasse perante uma assistência das mais seletas, comemorando a entrada do século. O longo poema **O Brasil** então recitado, motivo dessa festa, contém cêrca de 310 estrofes, cada estrofe composta de décimas e de quadras, além de 10 páginas contendo os chamados Cantos n.ºs 1, 2 e 3.

Já os seus ensaios são dignos de maior apreciação, usando a escritora de uma linguagem que se pode considerar atual. A forma narrativa de seu livro **A Sedição de 1817, na Capitania ora Estado do Rio Grande do Norte**, poderá ser aceita pelos pesquisadores e estudiosos da história que certamente saberão julgar o estilo que a escritora adota ao registrar os fatos, coméntá-los, fiel às suas origens, sem descer ao lugar comum.

Em síntese, aí estão as duas facetas curiosas de Isabel Gondim: a poetisa e a ensaísta. Ao nosso ver a última muito maior e que alcançou um lugar de destaque nas mensagens que soube transmitir aos do seu tempo e que avançam até às gerações presentes.

Mas, como na vida da gente sempre há lugar para momentos de riso, vamos registrar alguns fatos humorísticos que dizem respeito à sua pessoa, amenizando assim a sisudez de seus escritos. O nosso antigo e querido diretor do Colégio Pedro II, contou-nos o seguinte: “Fazendo um discurso em solene reunião, alguém, parece que o Dr. Antunes, médico ilustre, de côr preta, baiano, que estava presente, interpelou-a a certa altura, perguntando-lhe a idade. Resposta da professôra, iminente: “Sou ainda do tempo em que se considerava má educação quando se perguntava a qualquer senhora quantos anos tinha”, e concluiu o seu discurso displicentemente”. O Dr. João Augusto confirmou o fato e disse que fôra mesmo o Dr. Antunes autor de tal irreverência.

O Dr. Vicente de Almeida trouxe-nos também sua contribuição sôbre passagens da Isabel Gondim, essas que estão fora dos livros, relatando um fato pitoresco verificado entre a escritora e o comerciante local Olinto Galvão. Certa vez Isabel Gondim procurou o comerciante para oferecer-lhe seus livros. Acertaram preço e quantidade. Olinto ficaria com 30 exemplares. A professôra ficou contentíssima. Regressou logo que pôde a casa, relatou o fato a seus familiares e, a seguir, depois de subir e descer ladeiras, retornava à casa comercial de Olinto Galvão, sobraçando dois enormes pacotes. Encontra-o no limiar da porta e lhe diz: “**Coronel, aqui estão os livros**”. Olinto vai conferir o número de sua encomenda e ao abrir os pacotes retruca: — “**Espere, dona Isabel, são escritos? Pois saiba que eu aqui só vendo livros em branco.**” A educadora que não tinha papas na língua, soube reagir com firmeza ante a atitude do comerciante, dizendo-lhe algumas verdades, e regressou com os seus embrulhos.

A revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, volumes XXIX e XXXI, páginas 289/292, de 1932 e 1934, traz a completa biografia de Isabel Gondim. É uma

repetição, embora valiosa, do que já foi dito, menos numa parte que se expressa de maneira comovente, nestes têrmos:

“Quando, em 1931, sentiu aproximar-se o têrmo de seus dias, d. Isabel Gondim, com a mesma superioridade espiritual que a distinguia em vida, organizou, de próprio punho, as suas disposições de última vontade, e, instituiu, como derradeiro benefício à educação e ao amparo da juventude de seu torrão natal, a formosa Paparí, o “Asilo Isabel” destinado a proporcionar instrução e meio de vida decente e honesto às órfãs desvalidas que lhe encheram a vida benemérita”.

Eis aí mais uma revelação do espírito e da formação cristã de Isabel Gondim, agora lembrada no campo da filantropia, pois o **Asilo Isabel** da antiga Paparí, hoje Nísia Floresta, é também uma grande realização da filha ilustre, nascida de sua determinação de servir ao próximo e fazer caridade sem olhar a quem.

Nascida a 5 de julho de 1839, Isabel Urbana de Albuquerque Gondim, falecia nesta capital a 10 de junho de 1933. Uma vida útil, de escritora, professôra e poetisa sempre a serviço de sua terra e do Brasil.

## 5 — MATIAS MACIEL

E a respeito do titular desta Cadeira, dr. Matias Carlos de Araújo Maciel Filho, que foi o seu primeiro ocupante, cabe-nos externar conceitos que exprimam a verdade sôbre essa figura de intensa vida intelectual do Rio Grande do Norte. Homem de alta cultura filosófica e jurídica, todavia nada deixou escrito, a não ser um livrinho de versos, sob pseudônimo, ainda estudante. Até mesmo o seu discurso de posse, nesta Academia, sabemos que foi feito de improviso. Daí termos recorrido a vários acadêmicos e amigos para que dissessem algo sôbre Matias Maciel. E, dêsse mosaico de opiniões, colhemos o material necessário para registrar sua passagem por esta Casa, pelo magistério, pela magistratura, na convivência diária de familiares e amigos.

Sôbre sua formação a passagem pela Escola do Recife, Raimundo Nonato, no livro **Bacharéis de Olinda e Recife**, à página 191, diz o seguinte: — “O Bacharel Matias Carlos de Araújo Maciel Filho nasceu a 20 de setembro de 1879, na freguesia de Canguaretama (na sede), sendo filho do bacharel Matias Carlos de Araújo e de Maria Amélia Cavalcanti; êle natural do município de Acari, dêste Estado. Matias Maciel colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito

de Recife, no dia 1.º de dezembro de 1904. Após sua formatura, foi nomeado Promotor Público da Comarca de Apodi, neste Estado, cargo que exerceu de janeiro a novembro de 1908. Removido para a Comarca de Canguaretama, sua terra natal, ali exerceu ditas funções de novembro de 1908 até julho de 1911, quando foi nomeado Diretor do Grupo Escolar de Canguaretama, cargo que exerceu até março de 1913, quando ingressou na magistratura, precisamente a 10 de março de 1913. Em novembro de 1922, suprimida a Comarca de Canguaretama, o dr. Matias Maciel ficou em disponibilidade por ato do governador Antônio José de Melo e Sousa.

Em 1925 o dr. Matias Maciel, transferiu sua residência para essa capital, onde foi de 1932 a 1936, um dos juizes efetivos do Tribunal Regional Eleitoral, do qual também faziam parte os desembargadores Luís Lira, Antônio Soares, Benício Filho e José Teotônio Freire que exercia, na época, as funções de Juiz Federal neste Estado.

Em 1926, passou a fazer parte, juntamente com vários outros, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, sendo também sócio fundador da Academia Norte-Riograndense de Letras. Homem de extraordinária inteligência e vasta erudição é o dr. Matias Maciel uma das brilhantes expressões culturais de sua geração. Sua passagem pela Faculdade de Direito de Recife ficou marcada pelas qualidades de eloquência de grande orador, sempre aclamado nos meios acadêmicos”.

O dr. José Augusto, depondo sôbre Matias Maciel, disse: “Matias foi sobretudo um grande orador. Era tido na Faculdade como o maior orador daquela época. Fui seu companheiro de “república”. Tinha o hábito de ler, recitar, discursar, e assim não dormia. Passava as noites em claro, entrava pela madrugada. Em compensação dormia durante o dia. E, como dormisse durante o dia, perdia as aulas e os exames. Foi Juiz de Direito. Demorava-se nos julgamentos. Morreu como Juiz aposentado, em Natal. Morava no Alecrim, numa casa modesta, cheia de gatos que eram o seu “hobby”, solteirão, talvez sem ser amado, a não ser pelos seus gatos”.

O professor Antônio Fagundes, atendendo à solicitação que lhe fizemos e complementando aqueles dados referidos no livro de Raimundo Nonato, diz o seguinte: “Em 1926 Matias Maciel passou a fazer parte do corpo social do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Sócio fundador da Academia Norte-Riograndense de Letras, ocupou a Cadeira que tem o patrocínio da escritora Isabel Gondim. Matias Maciel era porta-

dor de inteligência excepcional e vasta cultura, considerado um dos mais notáveis oradores de sua geração, pela erudição, e pela fluência de linguagem, qualidade esta revelada desde os bancos escolares. Dedicava-se a estudos genealógicos em cujo assunto era acatado e respeitado. Apesar de muito dedicado às letras, jamais publicou livros de sua autoria. Privado da função visual, passou os últimos anos de sua existência isolado, do convívio de seus familiares”.

É ainda, o prof. Severino Bezerra de Melo quem faz êste relato sôbre o dr. Matias: “Conheci-o muito bem. O meu primeiro encontro com Matias Macial deu-se no Cemitério de Alecrim, em Natal, em 1907, quando do enterramento do Senador Pedro Velho. Falou em primeiro lugar o estudante de Direito, Faelante da Câmara, que veio acompanhando o corpo do Recife. Lembro-me do comêço do seu discurso: “Não conhecia o velho que aqui repousa à sombra destas casuarinas”. (A êsse tempo eram elas o símbolo da árvore triste com seus gemidos produzidos pelo vento). A foice do progresso derrubou-as... Em seguida, subiu a um lugar de um túmulo um môço, bem moreno, trajando roupa preta, já verde pelo uso, pince-nez mal colocado, cabelos revoltos. Impressão péssima dos assistentes. Começou a falar, voz inaudível a princípio, depois dominadora. Empolgou os presentes. Era o dr. Matias Carlos de Araújo Maciel Filho. Depois, perdi-o de vista e de contacto por muitos anos, sabendo, entretanto, alguns detalhes de sua peregrinação pelos caminhos da vida”.

E, prosseguindo, diz o prof. Severino Bezerra:

— “Formou-se em Direito, foi Promotor Público, Diretor de Grupo Escolar, Juiz de Direito. Certa vez, em São José de Mibipu, diretor que eu era do Grupo Escolar local, advogado nas horas vagas, encontro o dr. Matias na estação, onde fui para “ver o trem passar”, que era divertimento de quem morava no interior. Reconhecendo-o, apesar do grande tempo que o não via, cumprimentei-o: perguntando-lhe o que vinha fazer: “Presidir o júri”, foi a resposta. Era Juiz de Direito de Canguaretama, e São José pertencia à sua jurisdição. Pergunto-lhe onde iria hospedar-se, respondeu: “Não sei ainda”. “Vamos, então, para nossa casa”, obtemperei gentilmente. “Pois vamos”, mais gentilmente ainda me respondeu. Foi, assim meu hóspede por cinco dias, ainda hoje inesquecíveis. Despedindo-se, convidou-me para que eu fôsse passar umas férias com êle, já velho e solteirão. Morreu, parece, de palma e capela. Aproveitei certa vez a estada, em São José, do Prof. Ivo Filho e “como um convidado convida outro”, fomos

os dois à mansão do Dr. Matias que só dormia depois da meia noite e só acordava depois de meio dia, invariavelmente. Acomodamo-nos, como pudemos, ao regime da casa, sempre fidalgo, solidificando uma amizade gratíssima para nós. Agora, alguns detalhes de sua vida: Matias gostava de gatos. Possuía uma dezena em casa e quando viajava de trem para Natal, trazia-os dentro de uma grande cesta. Fumava maços de um cigarro chamado "Potengi", pois dizia que isto lhe aguçava a memória. Decorava páginas de muitos livros que lia, citando com absoluta exatidão, alguns tópicos que nêles se encontravam. Assisti, certa vez, quando êle indicou a página do "Psicologia das Multidões", de Gustavo Le Bon, onde se encontravam frases proferidas no momento da conversa. O livro estava na estante e eu me dei ao trabalho de abri-lo. Lá estavam certas as frases e as páginas por êle mencionadas. Memória igual à do Dr. Matias, só a de Cascudinho, ambos fumantes inveterados de milhares de cigarros e de charutos. Uns oito dias antes de sua morte, visitei-o. Já com pouca lucidez me reconheceu ainda. Depois de ligeira conversa, ao despedir-me, ofereceu-me charutos e alguns confeitos, tirados de uma grande quantidade que estava ao seu lado, perto da cama em que se encontrava. Recebi os presentes. Uma sua sobrinha me disse depois, que êle fazia questão de dar charutos e confeitos às pessoas (muito poucas) que o visitavam. Deixou o mundo assim, já quase cego, com as mesmas manias. Um grande espírito.

Ainda a propósito de Matias Maciel, a Revista da Academia Norte Rio Grandense de Letras, Ano XVII, número 7, diz: — Homem de cultura, passou a vida lendo, pouco deixando do seu constante lidar com os livros. Autor sem livro, diria Gilberto Freire, deixou prês a seu nome ilustre uma longa tradição de saber e de cultura. Linhagista de renome, orador, juiz aposentado, Matias Maciel Filho faleceu em Natal, sendo sepultado no Cemitério de Alecrim. Memória prodigiosa, discorria sôbre a árvore genealógica de qualquer família, sem interrupção e sem cansaço. Estudante de Direito, foi aclamado súbitamente para substituir um colega que faria a saudação a uma atriz, no Teatro Santa Isabel. Não tendo roupa deram-lhe um fraque. E na hora proferiu um discurso de improviso que deixou a assistência eletrizada em delirantes aclamações. Na Academia, fêz o elogio do seu Patrono de improviso, não ficando infelizmente, traço de sua personalidade marcante e multifária, o que é de lamentar. Deixamos nesta nota a nossa saudade que é também a saudade da Academia".

Da pesquisa realizada, podemos observar que Matias Maciel vinha na transição dos dias marcantes da sua Faculdade onde predominavam ainda as ressonâncias das lições dos grandes mestres e a revelação magnífica do pensamento filosófico de que fôra arauto Tobias Barreto, todo êle fundamentado nos ensinamentos dos grandes filósofos alemães. Do seu lado, ainda Sílvio Romero que fôra seu opositor em memorável polêmica que tanto agitou o pensamento de Mauricéia, abria caminhos novos à escola filosófica baseada no naturalismo que avassalara o mundo.

Como representante dessa formação cultural, egresso de uma faculdade que dera nomes que se projetaram com influência dominadora em várias áreas do país, como Castro Alves, Rui Barbosa, Clóvis Beviláqua, Matias Maciel desde sua passagem pelos bancos acadêmicos se revelou um espírito irrequieto e extraordinariamente lúcido. Daí mesmo por quê afastado do grande meio, continuou a ser no Estado do Rio Grande do Norte, nas comarcas das pequenas cidades interioranas por onde passou até chegar a esta capital, um divulgador eclético da cultura, um devorador de livros, um homem de pensamento, um continuador daquelas aulas magníficas da Escola do Recife. Ainda sem ter deixado nenhum livro escrito, trabalho ou memória que lhe viesse fixar o talento ou cultura, o brilhante polígrafo Matias Maciel a quem temos a honra de substituir nesta Academia e nesta hora fazemos-lhe o elogio, pois não é um nome que possa desaparecer no esquecimento das gerações. Como Juiz deixou marcada sua passagem pela magistratura através de luminosas sentenças e trabalhos jurídicos que identificavam sua formação no meridiano das letras jurídicas e na aplicação rigorosa da lei, que para êle sempre foi uma mística.

Eis aí, senhores, o retrato dêsse homem realmente extraordinário pela cultura e pelo comportamento, nas letras e na sociedade, que se chamou Matias Carlos de Araújo Maciel Filho e que ocupou, com brilho, lugar merecido nesta Academia.

\* \* \*

Senhores Acadêmicos:

Assumimos, neste instante, a Cadeira n.º 8, desejosos de continuar prestando nossos serviços às letras norte-rio-grandenses e, de modo particular, a esta Academia.

É uma felicidade para nós, a esta altura da vida, ingressar nesta Casa, dispostos a muito fazer pelas nossas letras.

Como aquêle personagem das “Relíquias de Casa Velha”, de Machado de Assis, pertencemos, ainda à classe “indefinível de homens que estão entre a primavera e o outono, nem velhos nem moços”, e, querendo Deus, com muitos anos pela frente para nos realizarmos intelectualmente e comprovar nossa disposição de trabalhar pela Academia Norte-Rio-Grandense de Letras que nos recebe nesta noite.

Agradecimentos, pois, aos senhores Acadêmicos que nos acolheram de coração aberto, ao presidente desta Casa, prof. M. Rodrigues de Melo, às autoridades presentes, e, mais uma vez, às palavras de saudação do Senhor Acadêmico Nilo Pereira, enfim agradecimentos a todos os que aqui compareceram, dizendo-lhes com emoção do velho preceito machadiano:

“Esta a glória que fica, eleva, honra e consola”.

WALTER WANDERLEY

NATAL, 7/1/970.



## FICHA BIOBIBLIOGRÁFICA

NOME: Walter Fonseca Wanderley de Albuquerque (Walter Wanderley)

FILIAÇÃO: João Wanderley de Albuquerque e Guiomar Fonseca Wanderley de Albuquerque

DATA DO NASCIMENTO: 26 de setembro de 1914

LUGAR: Macau — Estado do Rio Grande do Norte

ESTADO CIVIL: Casado (Em Mossoró — 12-10-1935)

NOME DA ESPÔSA: Zilda dos Santos Wanderley filha do prof. Irineu Wanderley dos Santos e Apolônia Mascarenhas dos Santos.

FILHOS: Maria Rejane Wanderley de Lima casada com João Maria de Lima, e Carlos Renan Wanderley, solteiro, bacharel em direito, nascidos em Mossoró.

NETOS: João Maurício Wanderley de Lima e João Carlos Wanderley de Lima, filhos de Rejane e João Maria de Lima.

- 01 — Curso primário e complementar no Grupo Escolar “30 de Setembro”, de Mossoró (1922/26).
- 02 — Curso Ginásial no Colégio Pedro II, de Natal — Direção do prof. Severino Bezerra de Melo (1927/29).
- 03 — 3.º ano de Contabilidade na Academia de Comércio “Epitácio Pessoa”, de João Pessoa (PB). (1930/32).
- 04 — Curso de Economia e Relações Humanas no Instituto Brasileiro de Relações Humanas, do Rio de Janeiro (1953).
- 05 — Curso de Técnica de Chefia no Instituto Brasileiro de Relações Humanas, do Rio de Janeiro (1953).
- 06 — Diretor do “Jornal do Oeste”, de Mossoró (1948-49).
- 07 — Diretor do jornal “A República”, de Natal (De jan. a set. de 1950)
- 08 — Colaborador dos jornais “O Mossoroense” e “O Nordeste”, de Mossoró (1933/35)
- 09 — Colaborador da revista “Menina”, de João Pessoa (PB), (1932).
- 10 — Colaborador do jornal “A República”, de Natal (1935/1951).

- 11 — Colaborador do jornal "O Diário", de Natal.
- 12 — Redator-Chefe do jornal "O Esporte", de Mossoró (1938/39).
- 13 — Diretor do jornal "A Vanguarda", de Macau (1930).
- 14 — Colaborador da revista "Bando", de Natal (1949)
- 15 — Colaborador do jornal "Correio Festivo", de Mossoró (1938).
- 16 — Colaborador do jornal "O Democrata", de Natal (1945/47)
- 17 — Colaborador da revista "Centelha", de Mossoró (1947).
- 18 — Colaborador da revista "Evolução", de Campina Grande (Direção do prof. M. de Almeida Barreto) — (1932).
- 19 — Secretário-Geral do Centro Municipal de Mossoró da LBA (1942/1947).
- 20 — Secretário-Geral da 2.<sup>a</sup> Delegacia Regional da LBA, de Mossoró — Delegado: Dr. João Batista Portocarrero Costa, 2.<sup>o</sup> Bispo de Mossoró.
- 21 — Diretor da Casa de Menores "Juvino Barreto" de Mossoró (17-10-943 a 15-7-1947).
- 22 — Secretário da Associação Comercial de Mossoró.
- 23 — Secretário-Geral do Sport Club Mossoroense (1934/36).
- 24 — Secretário da Associação Mossoroense de Esportes Atlético (AMEA), de Mossoró (1935).
- 25 — Diretor do Núcleo de Escoteiros da Casa de Menores "Juvino Barreto", de Mossoró.
- 26 — Adjunto de Promotor Público da Comarca de Mossoró (1936).
- 27 — Corretor Oficial de Algodão do Estado do Rio G. do Norte, em Mossoró.
- 28 — Membro da Liga de Defesa Nacional de Mossoró.
- 29 — Membro da Defesa Passiva de Mossoró (2.<sup>a</sup> Grande Guerra Mundial).
- 30 — Deputado à Assembléia Constituinte e Legislativa do Rio Grande do Norte e 2.<sup>o</sup> Secretário da Mesa Diretora (1947/1951).
- 31 — Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.
- 32 — Redator do **Boletim** do Contro Norte-Riograndense, do Rio. (1966/67)
- 33 — Diretor Cultural do Centro Norte Riograndense, do Rio.
- 34 — Sócio do Clube Ipiranga, de Mossoró (licenciado).
- 35 — Sócio do América Futebol Clube, de Natal (licenciado)
- 36 — Sócio do Aero Clube do Rio Grande do Norte, de Natal (licenciado).
- 37 — Sócio-proprietário e Conselheiro do Clube de Regatas do Flamengo, do Rio.
- 38 — Sócio efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro, de S. Paulo
- 39 — Cidadão Honorário de Mossoró (Título conferido em 1967).
- 40 — Sócio do Instituto Cultural do Oeste Potiguar (Mossoró).

